



O feminino e o infamiliar

Maria Josefina Sota Fuentes

O feminino e o infamiliar

Eu gostaria de começar agradecendo este convite à Comissão Organizadora do 23º Encontro Brasileiro do Campo Freudiano – a Sérgio de Castro, Analícea Calmon e Sônia Vicente – e também aos meus colegas da Comissão Científica, em especial aos coordenadores, Marcela Antelo e Jordan Gurgel, com quem temos tido a alegria de trabalhar conjuntamente, construindo um campo de investigação que articula três temas bastante difíceis: o feminino, o infamiliar e o paradoxo de “dizer o indizível”.

Neste trabalho decidi encarar de frente o que tem sido a minha questão, que consiste em articular, mas também em diferenciar, o feminino e o infamiliar. Para tanto, dividi o trabalho em duas partes:

A mulher não existe, mas pode se tornar infamiliar

A articulação entre o feminino e o infamiliar parece evidente se considerarmos o que já foi dito sobre as mulheres ao longo da história. Que elas encarnam um real estranho, inquietante, dando corpo ao que permanece inapreensível para o sujeito, é o que recolhemos nas inúmeras representações d’A mulher na civilização, que cumprem a função de nomear e localizar um real perturbador. A mais famosa, mas não única, a *dit-famação*, segrega o feminino, fazendo da mulher um objeto inferior, incompleto e degradado, tal como a crítica feminista não cessa de denunciar.

Nesse lugar vazio de representação do feminino, surgem figuras d’A mulher que não existe, máscaras que percorrem temas de horror, malignidade, luxúria e sensualidade, mas também da mulher adorada que fascina, da beleza que cega, da Dama, a *Domna* que domina no amor cortês, encarnação da voz superegoica cruel que comanda. Mas é como mãe que A mulher, que não existe, se escreve no inconsciente, contaminado a relação do homem com a

mulher. Com a mãe, por fim, a relação sexual existe: é o que o Édipo recalçado no inconsciente não cessa de nos revelar.

Nos inúmeros mitos da Deusa Branca recolhidos por Robert Graves, ela é “o ventre de todos os bosques”¹, origem que dá vida e protege, mas também “a Deusa do abraço mortal”, presença da morte encarnada: “sou a tumba: de toda esperança”. As figuras da Deusa, diz Lacan, “aquela que em suas palavras perde-se na noite dos tempos, por ser a Diferente, o Outro perpétuo em seu gozo”², são nomes do Nome-do-Pai que cumprem a função de nomear o real do gozo feminino e estabilizar um mundo, alojando nela esse gozo “louco e enigmático” que perturba os limites do masculino.

Porém, nada mais estranho do que a figura da “verdadeira mulher”, caso ela existisse. Medéia, a mulher de atos impensáveis, capaz de destruir o universo familiar de um Jasão, dando a ver que tudo não passa de um grande teatro. As mulheres, mais próximas do real, ultrapassam os limites, destroem os semblantes civilizatórios por padecerem menos da “angústia de proprietário”, segundo a expressão de Miller³, a angústia de quem não aceita perder o poder fálico.

Mas a Gradiva de Jensen não. Ela “avança” de outra maneira, tal como sugere o andar mágico desta figura mitológica que tanto fascinou Norbert. Ela não arrebenta com os semblantes mostrando-lhe que seu amor não passa de sonhos e delírios – posto que A mulher não existe –, uma vã ilusão a ser destruída pelas lavas do vulcão em Pompeia. Ela está bastante advertida de que somente uma máscara poderia existir ali onde a Gradiva emerge. Ademais, confere aos semblantes seu valor operativo de “semblantes de gozo”, encarnando o objeto *a*, causa do desejo, dando ao homem o acesso ao gozo fálico.

Norbert, que admirava a mulher morta, esculpida no mármore do museu, encontra uma mulher de carne e osso, que por fim revela ser sua amiga de infância ao sair dos escombros do recalque, aquela que aceita dar vida à fantasia de ser sua Gradiva. Eis que surge Zoe, essa Outra bem infamiliar que irrealiza o mundo do nosso herói, bastante embaraçado, sem que precise mostrar-lhe o que seria uma mulher de verdade. Ao contrário, ela aceita transitar entre seus sonhos e delírios, ao mesmo tempo que enlaça os seus próprios fios que haviam ficado soltos quando perdera seu amor de infância. O amor ganha assim a consistência de realidade não por se opor à fantasia, mas por nascer da mesma trama

¹ GRAVES, R. *A Deusa Branca*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 16.

² LACAN, J. “Prefácio a: *O despertar da primavera*”. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 559.

³ *Appud* LAURENT, É. “Les deux sexes et l’Autre jouissance ». *La Cause Freudienne*, *Révue de Psychanalyse*. Publication de l’École de la Cause Freudienne, n° 24, Paris, p. 4.

inconsciente que compõe o tecido dos sonhos, velando o vazio que ali se aloja – o vazio d'A mulher que não existe.

Não sem razão, como se diz, o amor é uma loucura – lembra Lacan⁴. Como crer que a mulher possa existir? Não faltam figuras literárias da mulher espectral sonhada pelos surrealistas. Tampouco as experiências de despersonalização e do estranho sentimento de desrealidade do sujeito enamorado, evocado por Roland Barthes. Há um eterno abismar-se nos *Fragmentos de um discurso amoroso*. A realidade do apaixonado é fugidia: “Espero um telefonema e essa esperança me angustia. Tento fazer qualquer coisa e não consigo. Passeio pelo quarto e todos os objetos cuja familiaridade habitual me reconforta – os telhados cinzentos, os ruídos da cidade, tudo me parece inerte, separado, siderado como um astro deserto, como uma Natureza nunca habitada pelo homem”⁵.

O fascínio de ter por fim encontrado um objeto para o desejo, a presença, sempre alucinada, desse reencontro com o objeto essencialmente perdido e que só se realiza no sonho, ensina Freud, gera a suspeita de *irrealidade*. Isso é um sonho? Mas quando o mundo se resume a um mero sentimento do mundo, fugidio, que se esvai sem que eu possa dizer mais nada, nessa *desrealidade*⁶, então, sucumbo.

No amor, quando “uma mulher roça no inconsciente do homem”⁷, diz Lacan, ele passa a crer nela, acredita que ela seja capaz de lhe dizer algo como um sintoma a ser decifrado. E Freud acreditou, como ninguém, na mulher como aquela que lhe entregaria a chave do mistério da feminilidade. Mas foi Lacan quem abriu a caixa de Pandora e levantou esse véu ao dizer que “A mulher não existe”, “arrancando algo de si mesmo” ao dar um passo a mais nas suas passagens pela sexualidade feminina, como diz Miller, “até generalizar o que entreviu pelo viés do gozo feminino e fazer dele o regime do gozo como tal”⁸.

Com a metáfora de um inconsciente litoral, Lacan abraça o real do gozo feminino fora do sentido que habita em cada um. As diferenças podem se avizinhar – e não se trata aqui das diferenças relativas que pertencem à lógica do significante e funcionam por oposições, mas da diferença radical, absoluta, aquela que sequer posso dizer qual é, mas que ainda assim *ex-siste*.

Por isso, o feminino não é esse *dark continent* avistado à distância, e que só poderia ser delimitado à custa de um Eu que se afirma e se fecha em seu *Heim*, no casulo de sua pretensa identidade, onde se reconhece. O feminino é o lugar dessa *Outra coisa*, litorânea, mar aberto

⁴ LACAN, J. Aula de 21/01/1975 (RSI). Inédito.

⁵ BARTHES, R. *Fragments de um discurso amoroso*.

⁶ Idem, p. 79.

⁷ LACAN, J. Aula de 21/01/1975 (RSI). Inédito.

⁸ MILLER, J.-A. “L’être et l’un” (2/03/2011). Inédito.

sem limites que nos habita. Ausência de inscrição no inconsciente é a presença de um real que faz vacilar as identificações sedentárias e todos os sonhos de verdade. Faz estremecer o universo como objeção ao todo que se pretende limitado.

Não é de se estranhar que a presença do feminino possa provocar estranhamentos, inibições, sintomas e angústias, seja qual for a identidade sexual que se pretenda. A clínica da histeria é exemplar. A histérica padece precisamente da ausência de uma identificação que sustente o corpo, servindo-se do pai como armadura e alojando o feminino na Outra mulher, que transtorna.

O infamiliar: uma inibição específica do imaginário

Entretanto, caberia aqui uma questão: embora o feminino possa produzir o sentimento do infamiliar, o gozo feminino como experiência de corpo que se dá fora da linguagem, entre “pura ausência e sensibilidade”, é, precisamente, um acontecimento de corpo sem sujeito, nem para se angustiar, nem estranhar a ausência de limites do próprio corpo, que é experimentado como *Outro*. O Ego, esse “espasmo instantâneo do mundo”⁹, como escrevia Clarice Lispector, desmancha-se como castelo na areia, e o sujeito, arrebatado, está fora si.

Se inicialmente, no *Seminário 10*, Lacan localizou no infamiliar “um eixo indispensável para abordar a angústia”¹⁰, sem confundi-los; no *Seminário 23* esta é tomada como uma “inibição específica”¹¹, “bastante fugidia”¹², que se dá no imaginário do corpo com a intrusão de um real. “O corpo nos é estranho”¹³, afirma Miller; funciona por si só sem que tenhamos a menor ideia disso. O homem não é esse corpo, apenas o *tem* e por isso mesmo ele cai fora a toda hora, produzindo fenômenos de despersonalização e perturbação no enquadre da realidade, que só se sustenta quando o imaginário e o simbólico se mantêm enodados.

Quando a angústia, essa vizinha do infamiliar, irrompe, “um vazio sinistro se esparrama por toda parte” – tal como escrevia Clarice Lispector a propósito da angústia. É o vazio angustiante que dita o luto a ser feito de todos os objetos mundanos, presente no mais-de-gozar, e que surge na presença do objeto *a* desnudado, quando caem os semblantes que antes o domesticavam na moradia da fantasia.

⁹ LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 178.

¹⁰ LACAN, J. *O seminário, livro 10: a angústia.* Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 51.

¹¹ LACAN, J. *O seminário, livro 23: o sintoma.* Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 47.

¹² LACAN, J. *O seminário, livro 10*, op. cit, p. 59.

¹³ MILLER, J.-A. *Piezas sueltas.* Buenos Aires: Paidós, 2013, p. 65 (tradução livre).

O sujeito se defende como pode. Nada impede que a própria angústia surja como nomeação do real; a inibição como nomeação do imaginário; e o sintoma como nomeação do simbólico. É o que propõe Lacan em RSI¹⁴, elevando o trio freudiano à categoria de nomes-do-pai, amarrações que sustentam o nó como suporte do sujeito. Ainda que seja uma experiência limite, como no caso da angústia ou do infamiliar, que desestabilizam o sujeito à beira de um real, paralisando-o em sua divisão subjetiva, trata-se de defesas frente a um real perturbador que irrompe, seja qual for a identidade sexual do sujeito em questão. Tais nomeações consistem em devolver ao sujeito o sentimento de pertencimento ao corpo, nem que seja para senti-lo, no limite, como pura dor.

Assim, convém sublinhar que, embora o corpo seja estrangeiro, estranho, é preciso ter um corpo, isto é, adquirir alguma consistência imaginária do corpo para subjetivar esse estranhamento ou a vertigem da angústia.

Nesse sentido, são bastante esclarecedoras as passagens de Lacan sobre *O deslumbramento* de Marguerite Duras, comentadas por Miller e Laurent¹⁵. Pois a personagem Lol, no que chamamos uma “experiência extrema da feminilidade”¹⁶ que é o arrebatamento, carece justamente de um sentimento de si, por ter tido seu corpo extraviado na famosa cena do baile, por uma mulher fatal que rouba seu noivo. O sentido comum cobraria de Lol o pesar de ter sido ser deixada, traída, raiva ou ciúmes, qualquer coisa menos o que Marguerite Duras descreve: a “estranha omissão de sua dor”¹⁷.

Após o baile, Lol V. Stein permanece como a Coisa petrificada, prostrada na cama por semanas sem poder dizer nada, apenas o insuportável que era ter de esperar tanto tempo. Lol é pura vacuidade. Sob o vestido que portava não havia ninguém para habitá-lo, nenhum *Heim* nem nome que a designasse. Na falta de uma palavra para dizer o indizível, o buraco da inexistência d’A mulher ao qual fora lançada, a novela avança na reconstituição de uma fantasia que lhe dê corpo e localize seu gozo. A montagem é inusitada, envolvendo esse “ser-a-três”¹⁸ ao qual Lacan se refere, um ser tripartido. Casualmente, ela passa a observar um casal de amantes através da janela de um jardim, com o consentimento de Hold, o homem que lhe dá a ver o corpo nu de Tatiana, uma amiga da infância que opera como seu duplo

¹⁴ LACAN, J. Aula de 13/05/1975 (RSI). Inédito

¹⁵ MILLER, J.-A. *Los usos del lapso*. Buenos Aires: Paidós, 2004.

¹⁶ Segundo a expressão de Catherine Lazarus-Matet, *apud*. MILLER, J.-A. *Los usos del lapso*. Op. cit, p.493.

¹⁷ DURAS, M. *O deslumbramento*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986, p. 17.

¹⁸ LACAN, J. “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol. V. Stein”. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 203.

imaginário. Assim, Lol encontra na imagem fascinante do corpo feminino, desnudado pelo olhar de Hold, um suporte para si.

Contudo, nesse “ser-a-três” quem subjetiva a divisão até o limite da angústia é o narrador da história, Hold, o lugar do “eu penso”, e que finalmente convida Lol a encarnar A mulher no ato sexual. Mas, sem corpo para vestir sua paixão, Lol enlouquece.

Por fim, cabe sublinhar, como o fez Lacan, o talento da escritora em localizar “as taciturnas núpcias da vida vazia com o objeto indescritível”¹⁹. As núpcias com o indizível do feminino, onde não havia nada, nem ninguém para estranhar esse estranho corpo arrebatado. O infamiliar fica por nossa conta.

**Maria Josefina Sota Fuentes é analista em São Paulo. AE em exercício da Associação Mundial de Psicanálise e da Escola Brasileira de Psicanálise, faz parte da Comissão Científica do XXIII Encontro do Campo freudiano.*

O XXIII Encontro Brasileiro do Campo freudiano agradece à autora a disponibilização do texto para divulgação no Boletim Infamiliar.

¹⁹ Ibid., p. 205.